

**CONEXÕES ENTRE O CONCEITO DE "OLHAR OPOSITOR" DE BELL HOOKS E A REPORTAGEM DE LENA FRIAS SOBRE O MOVIMENTO BLACK RIO**

**CONEXIONES ENTRE EL CONCEPTO DE "MIRADA OPOSITORA" DE BELL HOOKS Y EL INFORME DE LENA FRIAS SOBRE EL MOVIMIENTO BLACK RIO**

**Grazi Godwin<sup>1</sup>**

**Vinicius Souza<sup>2</sup>**

**Resumo:** Este artigo tem como objetivo analisar as interseções entre o conceito de "olhar opositor" proposto por bell hooks e a reportagem escrita por Lena Frias sobre o movimento Black Rio na década de 70. O "olhar opositor" refere-se à perspectiva crítica e consciente que desafia as estruturas de opressão, enquanto a reportagem sobre o Black Rio retrata o que foi o Movimento na perspectiva da afirmação da identidade negra. Ao explorar esses conceitos, este artigo busca destacar as formas, através do processo metodológico da Análise de Conteúdo, pelas quais a reportagem encarnou o "olhar opositor" como uma ferramenta de resistência, representatividade e transformação social.

**Palavras-chave:** Olhar opositor; jornalismo; Black Rio; mulheres negras.

**Resumen:** Este artículo tiene como objetivo analizar las intersecciones entre el concepto de "mirada opositora" propuesto por bell hooks y el informe escrito por Lena Frias sobre el movimiento Black Rio en los años 70. La "mirada opositora" se refiere a la perspectiva crítica y consciente que desafía las estructuras de opresión, mientras que el informe sobre Black Rio retrata lo que era el Movimiento desde la perspectiva de afirmar la identidad negra. Al explorar estos conceptos, este artículo busca resaltar las formas, a través del proceso metodológico de Análisis de Contenido, en las que el informe encarnó la "mirada opositora" como herramienta de resistencia, representación y transformación social.

**Palabras clave:** Mirada Opositora; periodismo; Black Rio; Mujeres Negras.

---

1 Graziela Maria Godwin Egbuna é mestrandanda pelo Programa de Pós Graduação em Comunicação e Poder pela Universidade Federal de Mato Grosso.

2 Vinicius Souza tem pós-doutorado em Comunicação pela ECA-USP e é docente no Programa de Pós Graduação em Comunicação e Poder pela UFMT.

## **Introdução: Conceituando o objeto de pesquisa e o processo metodológico**

O presente trabalho visa estabelecer relações entre o conceito de “Olhar Opositor”, da autora bell hooks, com a reportagem sobre o Movimento Black Rio, escrita em 1976 por Lena Frias, jornalista cultural do Jornal do Brasil. No livro “Olhares Negros”, bell hooks nos apresenta este conceito no sétimo capítulo, intitulado “O Olhar Opositor: Mulheres Negras Espectadoras”. Segundo a autora, as mulheres negras, além de serem mal representadas dentro do universo cinematográfico, também são colocadas em um lugar subalterno na representação, ou um não-lugar. Essa tese é confirmada pela maioria das entrevistadas por bell hooks para sua pesquisa, todas mulheres pretas.

No início do texto, a autora afirma que na “política da escravidão, das relações de poder racializadas, [as opressões] eram tais que aos escravos era negados o direito de olhar” (hooks, p. 138). Assim,

Subordinados nas relações de poder aprendem pela experiência que existe um olhar crítico, aquele que “olha” para registrar, aquele que é opositor. Na luta pela resistência, o poder do dominado de afirmar uma agência ao reivindicar e cultivar “consciência” politiza as relações de “olhar” — a pessoa aprende a olhar de certo modo como forma de resistência. (hooks, 2019, p. 184)

É a partir dessa resistência em olhar que a mulher negra adota o olhar opositor, ou seja, adota um olhar crítico sobre as coisas que observa. No contexto do capítulo, a mulher negra tem esse olhar sobre as obras cinematográficas, uma vez que não há a identificação da espectadora com os personagens em tela: ela não se identifica com o personagem masculino (este branco e algoz) e nem com o feminino (branca e indefesa). O contexto dos filmes em questão são do início do século XX

até meados da década de 1980, o que inclui os chamados *race films*<sup>3</sup> (LEAB, 1975), que também não gerariam tanta identificação com as personagens negras por causa da maneira como eram retratadas: ora trágicas, ora agressivas.

A reportagem, que é objeto deste artigo (Figura 1), se chama “O Orgulho (Importado) de Ser Negro no Brasil”, escrita pela jornalista Marlene Ferreira Frias, mais conhecida como Lena Frias, e publicada como matéria de capa do Caderno B, a editoria de Cultura do carioca Jornal do Brasil, em 17 de julho de 1976. Nascida em 1944 e falecida em 2004, Frias foi uma das poucas mulheres negras a integrar o time de jornalistas do JB durante os anos 70. Ela escrevia sobre cultura com muito afinco e paixão e apreciava vários aspectos da cultura negra, como o choro e o samba, manifestações culturais tradicionais afro-brasileiras (REDEH, 2003).

---

<sup>3</sup> *Race film* ou *race movie* foi um gênero de filmes que existiu nos Estados Unidos entre os anos 1915 e 1950 feito por equipes técnicas formadas principalmente por negros, com a maior parte dos artistas e os protagonistas negros e para plateias negras.

Figura 1: O orgulho (importado) de ser negro no Brasil – Black Rio.



Fonte: SILVA (2023). Quando os passos movimentam a diáspora: O Movimento Black Rio e o legado político-cultural do black soul (1970 – 1980). Disponível em:

<https://revistas.uepg.br/index.php/tel/article/view/21989>. Acesso em 19, Dez. 2023.

Em 1976, Frias foi às ruas da capital do Rio de Janeiro para compreender mais sobre o Black Rio, movimento cultural dos anos 1970 formado por pessoas pretas e que desestabilizou o *status quo* na cidade e em diversas outras regiões do país. Frias não só reportou sobre o Movimento, como também viveu o Black Rio,

frequentando as ruas e os bailes com os jovens por um bom tempo. Na reportagem, Lena Frias enquadrou o Movimento sem a estereotipização que outros jornais costumavam fazer e ao mesmo tempo denunciou o racismo que a sociedade carioca insistia em esconder.

Neste trabalho é usada a metodologia de Análise de Conteúdo como percurso metodológico, uma vez que “no campo da comunicação, um bom material para ser analisado com essa técnica são as entrevistas jornalísticas, filmes, programas radiofônicos e anúncios publicitários.” (FONSECA, 2010, p. 302). Segundo o autor, o objeto a ser analisado, no caso a reportagem de Frias, fornece as informações necessárias para a sua compreensão.

### **O movimento Black Rio: Contexto e características**

Rio de Janeiro, 10 de dezembro de 1971. Data memorável na história dos bailes cariocas. Neste dia, Oséias Santos, mais conhecido como Mr. Funky Santos, realiza, pela primeira vez, um baile todo *black*. Dias antes, Santos havia se juntado com alguns amigos, conseguido equipamentos de som humildes e negociado com a direção do Astória Futebol Clube a possibilidade de usar o espaço para a realização dos bailes que marcariam uma época. O lugar era um “clube recreativo e esportivo construído aos pés do morro do Estácio (região suburbana próxima ao centro do Rio de Janeiro) na década de 1930” (OLIVEIRA, 2018, p. 97), mas depois de 40 anos de atividade estava em decadência, beirando a falência.

Os bailes, que variavam em estilo de música dependendo do público e localidade, eram a principal opção de lazer para jovens em diversos cantos do Brasil. Já havia, por exemplo, alguns bailes voltados à *black music* na cidade de São Paulo no final dos anos 60. Mas foi no Rio de Janeiro que este estilo se tornou popular. Nesse período, o rock deixava de ser freneticamente dançante, como era nos anos 50 e até a metade de 1960, abrindo espaço para outros estilos musicais

nas festas. Com isso, a *black music* passou a ter mais apelo dentro do *setlist*<sup>4</sup> dos DJs. E não somente músicas estrangeiras, já que temos exemplos da *black music* nesta época produzida por artistas de peso, como Wilson Simonal e Jorge Ben Jor.

Os bailes realizados por Mr. Funky Santos ganharam popularidade na região e grande aceitação do público. Certa feita, um estudante de engenharia e hippie chamado Asfilófilo de Oliveira Filho, popularmente conhecido como Dom Filó, passou a frequentar os bailes e teve a ideia de levá-los a outra região do Rio de Janeiro: o Clube Renascença, no Andaraí.

O Clube Renascença já levantava a bandeira da valorização da cultura negra desde sua criação. Fundado em 17 de fevereiro de 1951, a agremiação reunia, na época, 29 sócios, 11 homens e 18 mulheres, todos negros, que buscavam reforçar a existência de uma “elite” negra, em vias de ascensão social. (OLIVEIRA, 2018, p. 109)

Frequentador do Clube Renascença, Dom Filó achou uma boa ideia juntar a animação dos bailes do Astória com a pauta do Orgulho Negro através de elementos decorativos e intervenções durante as músicas que um clube como o Renascença permitia. Os fundadores do clube prezavam pela intelectualidade e consumiam obras de pessoas pretas de diferentes segmentos, tornando o espaço um lugar de compartilhamento e apreciação dessas artes durante as confraternizações. A fundação do clube também foi uma necessidade da existência de um lugar que os aceitassem, visto que os clubes frequentados por brancos não os admitiam por causa do preconceito racial.

Os primeiros bailes no Clube Renascença, chamados de “Noites do Shaft”,

---

4 Lista de músicas tocadas pelo DJ, ou Disk Jockey, que escolhe os discos, faixas e sequência para animar as festas.

em uma referência ao filme estadunidense *Shaft*<sup>5</sup>, de 1971, sucesso de bilheteria na categoria de filmes *blaxploitation*<sup>6</sup>, foram um sucesso imediato na comunidade preta jovem. O nome inicial desses encontros tem um grande valor simbólico, pois “essas festas eram utilizadas por seus organizadores para propagar um discurso politizado, voltado para a formação e a valorização de uma nova imagem do negro, influenciados pela ideologia do movimento *Black Power* norte-americano.” (OLIVEIRA, 2018, p. 107)

### O "olhar opositor" e a reportagem sobre o movimento Black Rio

O título (O Orgulho [Importado] de Ser Negro no Brasil) gera impacto no leitor e aguça a vontade de conhecer mais sobre esse baile *black*. O título também faz uma provocação ao Movimento: ao escrever a palavra ‘importado’ entre parenteses, se referindo ao orgulho negro dos participantes dos bailes *black*, a jornalista induz o leitor a se questionar de que forma esse orgulho é importado, o que gera curiosidade e um convite maior para a leitura. Desta maneira, Frias, mulher preta, insere seu olhar opositor sobre o Movimento, indagando, de forma muito sutil, sua criticidade sobre o Black Rio ter raízes e inspirações estadunidenses.

---

5 *Shaft* é uma série de filmes do gênero ação que fez muito sucesso em sua primeira edição, em 1971. O primeiro filme faz parte do movimento cinematográfico *Blaxploitation*. (FICHA Técnica Completa. Filmow.. Disponível em: <https://filmow.com/shaft-t1044/ficha-tecnica/> Visto em: 19/12/2023)

6 *Blaxploitation* foi outro movimento cinematográfico estadunidense com produções, direções e atores e atrizes negros nos anos 1970. Diferentemente dos *Race Films*, no entanto, especialmente pelo fim da segregação racial legalizada nos EUA, as plateias já não eram totalmente compostas por pessoas negras.



Imagem 2: Trecho inicial da reportagem O Orgulho (Importado) de Ser Negro no Brasil

Uma cidade de cultura própria desenvolve-se dentro do Rio. Uma cidade que cresce e assume características muito específicas. Cidade que o Rio, de modo geral, desconhece ou ignora. Ou porque o Rio só sabe reconhecer os uniformes e os clichês, as gírias e os modismos da Zona Sul; ou porque prefere ignorar ou minimizar essa cidade absolutamente singular e destacada, classificando-a no arquivo descompromissado do modismo; ou porque considera mais prudente ignorá-la na sua inquietante realidade.

Fonte: SILVA (2023). Quando os passos movimentam a diáspora: O Movimento Black Rio e o legado político-cultural do black soul (1970 – 1980). Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/tel/article/view/21989>. Acesso em 19, Dez. 2023.

Frias dá abertura a sua reportagem (imagem 2) com a afirmação que “uma cidade de cultura própria desenvolve-se dentro do Rio”, uma referência concisa à novidade cultural suburbana que agitou todo o Rio de Janeiro na década de 70. Com isso, faz várias provocações em tom de dúvida na tentativa de provocar o leitor a refletir o porquê de o Black Rio estar sendo esquecido, ignorado ou mesmo segregado em um gueto. Ela continua dizendo que a população fora desse nicho “desconhece ou ignora” o Movimento. Logo em seguida, uma crítica sutil para a sociedade carioca: já que esta desconhece ou ignora o desenvolvimento de uma nova cultura que surge diante de seus próprios olhos, isso só poderia se dar pelo fato de que essa parcela da sociedade “só sabe reconhecer, além de uniformes e clichês, as gírias e modismos da Zona Sul”. Neste trecho já fica claro o uso do olhar opositor sobre a forma como a parcela branca e abastada da sociedade lida com as manifestações culturais que não são produzidas por ela mesma ou por outros



grupos de pessoas brancas nos países ditos Ocidentais. Frias critica o fato de a própria sociedade carioca ignorar o entorno mais pobre que, no caso, é a região suburbana onde o Black Rio se instalou inicialmente.

A reportagem segue no tom de provocação, mas agora voltada aos negros, ao afirmar que “essa população [...] não tem samba e feijoada entre suas manifestações cotidianas e folclóricas. Embora possa até gostar de samba e de feijoada como qualquer estrangeiro gosta. Uma população cujos olhos e cujos interesses voltam-se para os modelos nada brasileiros” (FRIAS, 1976). Aqui, a autora sintetiza o caráter ‘sincretizante’ do Movimento Black Rio, mas em forma de crítica. Ou seja, os *blacks* não abandonaram por completo a cultura na qual cresceram e da qual fazem parte, mas adotaram elementos estilísticos proveniente dos negros estadunidenses em suas vivências. Isso nos leva às brechas dentro das relações de poder e contrapoder que hooks analisa em seu texto quando cita Foucault: mesmo diante o olhar racista da sociedade branca do Rio de Janeiro sobre o negro que samba ou sobre o negro que dança ao som de ‘Shaft’, a comunidade negra olha pra si mesma e percebe que experienciar ambas manifestações culturais fazem parte de sua negritude e que uma coisa não anula a outra.

Ao olharmos e nos vermos, nós (...) nos envolvemos em um processo por meio do qual enxergamos nossa história como contramemória, usando-a como forma de conhecer o presente e inventar o futuro. (hooks, p. 203)

Em seguida, Frias admite que os negros e negras são uma “população que forma uma cidade móvel, cujo centro se desloca permanentemente” (FRIAS, 1976), se referindo ao *ethos* do Movimento e sua expansão, respectivamente, uma vez que os elementos principais do Black Rio que o caracterizam como tal - músicas soul, cumprimentos diferenciados e resgate da ancestralidade - se mantêm, mas

migrando para outros espaços, bairros e estados (OLIVEIRA, 2018).

Frias continua sua jornada dentro do Black Rio diferenciando, por meio de entrevista com um jovem não identificado, os estilos musicais que seriam na época “sinônimo” de negro e branco: “Por que você dança soul? ‘Eu não sei explicar. É meu. É black. Vem do sangue e do coração’ - essa a resposta mais comum recolhida entre os dançarinos, em sua maciça maioria, jovens entre 14 e 20 e poucos anos. Não estou vendo brancos por aqui, qual a razão disso? ‘Não sei, você vai a baile de roqueiro e não vê preto” (FRIAS, 1976). A partir deste trecho é possível compreender, portanto, o quão importante foi a música *soul* para a autoafirmação de uma negritude que talvez não conseguisse racionalizar, mas sentia na cor da pele o racismo vigente na sociedade.

A forma intimista como Lena Frias escreve o texto dá a sensação de que o leitor está acompanhando simultaneamente todo o seu trajeto: onde estava, com quem e o que estava acontecendo. O estilo da escrita remete a um diário, criando uma proximidade entre jornalista e leitor. Aos 32 anos, Frias narra seu passeio na noite de 13 de julho com o grupo de jovens negros sem se diferenciar muito dos demais. “Estamos, um grupo *black*, no lado direito de quem entra na Galeria São Luís, em Madureira. Entrevisto rapazes e moças, mas não trago gravador ou qualquer outro sinal de que realizo um trabalho jornalístico” (FRIAS, 1979). Assim, ela imprime uma profundidade em sua matéria a partir das próprias vivências dentro da comunidade *black*, no que hoje nomeamos “lugar de fala”. Essa inserção profunda na pauta permite que o texto traga mais detalhes em comparação à escrita de algum jornalista branco que se afasta de suas fontes.

É dessa forma que ela continua narrando o diálogo em frente a uma loja de sapatos “especializada em pisantes *black*” quando chega um homem dizendo ser segurança do local e manda todos os negros saírem, pois “ajuntamento de nego

aqui não pode não”. Entretanto, um grupo de jovens brancos que estavam em outra parte, próximo da galera, não recebera nenhum tipo de advertência por parte do guarda. Lena denuncia o fato de os jovens negros serem proibidos de, simplesmente, olharem a vitrine da loja. Como essa proibição não é imposta aos jovens brancos, o texto demonstra o racismo estrutural que era e segue sendo negado.

### **Considerações finais**

Mesmo que bell hooks se refira às mulheres negras (pelo menos na maior parte do texto) quando aborda o que chama de olhar opositor não significa que o conceito não possa ser empregado em um movimento negro cultural que surgiu a partir de homens. Por se tratar da raça, o conceito de olhar opositor vem de encontro às questões postas nas análises deste trabalho.

O fato de uma mulher preta escrever sobre o Black Rio diz muito sobre o resultado da reportagem publicada, um marco no jornalismo negro nacional e estudado em diversas obras, com impacto ainda hoje para quem a lê. Livre de estereótipos, “Orgulho (Importado) de Ser Negro no Brasil” nos envolve na leitura, permitindo entender melhor o que foi o Movimento Black Rio, mas indo muito além. Ainda que a reportagem não tenha explorado o lugar que a mulher preta tinha dentro do Movimento (se é que ela tinha), o olhar opositor da autora sobre a sociedade branca carioca da zona Sul, seus aparatos de repressão sobre a população jovem e negra (como o segurança citado) e a própria comunidade negra e periférica que sentia e expressava o racismo estrutural, ainda que não conseguisse elaborá-lo de forma completa, demonstra a importância da diversidade na produção jornalística.

bell hooks e Lena Frias tinham muito em comum. A negritude, o gênero e a geolocalização na periferia do capitalismo são fatores que fortemente interligam um ser humano a outro. Neste sentido, o olhar opositor envolve os respectivos

<https://doi.org/10.23925/2318-5023.2021.n7.e64929>

**NHENGATU**  
**Revista ibero-americana para Comunicação e Cultura contra-hegemônicas**  
**Volume 1 | Nº 07 | ISSN: 2318-5023**

trabalhos: acadêmicos e jornalísticos. “Ao olhar corajosamente, declaramos em desafio: ‘Eu não só vou olhar. Eu quero que meu olhar mude a realidade’” (hooks, p. 183).

## Referências Bibliográficas

FRIAS, Lena. O orgulho (importado) de ser negro no Brasil - Black Rio. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, Caderno B, p. 17, julho de 1976.

hooks, bell. **Olhares Negros: Raça e Representação**. Editora Elefante, 2019.

LEAB, Daniel. **From Sambo to Superspade: The Black Experience in Motion Pictures**. Boston: Houghton Mifflin, 1975.

OLIVEIRA, Luciana Xavier de. **A cena musical da Black Rio: estilos e mediações nos bailes soul dos anos 1970**. Salvador: Edufba, 2018.

REDEH. **Mulher 500 anos atrás dos panos**. Visto em 14/07/2023. Disponível em: <http://www.mulher500.org.br/lena-frias-1944-2004/#:~:text=Descri%C3%A7%C3%A3o%3A,a%20cultura%20brasileira%20em%20geral> . Acesso em 19, Dez. 2023.

SILVA, Kamila Dinucci Correia. Quando os passos movimentam a diáspora: O Movimento Black Rio e o legado político-cultural do black soul (1970 – 1980). **Revista TEL**, UEPG, v. 14, nº 1, 2023. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/tel/article/view/21989>. Acesso em 19, Dez. 2023.